

PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO

Marília Beatriz de Oliveira ¹
Ananias Agostinho da Silva ²

Resumo: Durante muito tempo, acreditou-se que a língua era homogênea e individual, o que fez com que uma de suas variedades se tornasse padrão e fosse considerada como a única forma correta a ser utilizada pelos falantes de dada comunidade linguística. Porém, após avanços nos estudos da linguagem, sobretudo de base sociolinguística, passou-se a defender que a língua é heterogênea, representada por um conjunto de variantes, e resultante de constantes processos de variação e de mudança. Apesar disso, como resquício de uma concepção mais estruturalista da língua, os falantes que utilizam variedades de menos prestígio social, ou seja, variedades que se afastam daquela concebida como padrão, ainda continuaram sendo vítimas de preconceito linguístico, discriminação e xenofobia. Frente a isso, faz-se necessário um investimento político e educacional relativo a esse tema, no sentido de educar os falantes quanto ao respeito às variedades linguísticas. Nesse sentido, nosso estudo tem por objetivo analisar como a questão do preconceito linguístico é abordada no livro didático da coleção *Se liga nas linguagens*, do componente curricular Língua Portuguesa, direcionado para as três séries do Ensino Médio de escolas públicas brasileiras, verificando as sugestões de tratamento conceitual para o preconceito e as variedades linguísticas no contexto escolar, bem como observando se as atividades didáticas presentes propõem um trabalho que contribua com a discussão e o enfrentamento dessa temática. Metodologicamente, nossa investigação se enquadra como uma pesquisa qualitativa, de método documental e de caráter descritivo, utilizando como fundamentação teórica autores como Marcos Bagno (2007), Bortoni Ricardo (2005), Zilles e Faraco (2015), entre outros. A partir da análise, foi observado que, embora o livro não trate teoricamente sobre a definição, causas e consequências do preconceito linguístico em si, problematiza uma discussão a respeito em diferentes conteúdos, a partir, sobretudo, da reflexão sobre variação linguística, apresentando a linguagem como fenômeno social sensível aos contextos de uso, a fim de combater o preconceito linguístico.

Palavras-chaves: Preconceito linguístico; Variedades linguísticas; Livro didático.

ABSTRACT: For a long time, it was believed that language was homogeneous and individual, which meant that one of its varieties became the standard and was considered the only correct form to be used by the speakers of a given linguistic community. However, following advances in language studies, especially those based on sociolinguistics, it was argued that language is heterogeneous, represented by a set of variants, and the result of constant processes of variation and change. But, as a remnant of a more structuralist conception of language, speakers who use less socially prestigious varieties, i.e. varieties that deviate from what is conceived as standard, have continued to be victims of linguistic prejudice, discrimination and xenophobia. In view of this, there is a need for political and educational investment in this area, in order to educate speakers about respect for linguistic varieties. With this in mind, the aim of our study is to analyse how the issue of linguistic prejudice is addressed in the school book collection “Se liga nas linguagens”, from the Portuguese language curriculum, aimed at the three grades of secondary school in Brazilian public schools, checking the suggestions for conceptual treatment of prejudice and linguistic varieties in the school context, as well as observing whether the didactic activities present propose work that contributes to the discussion and confrontation of this issue. Methodologically, our research is qualitative, documentary and descriptive in nature, using authors such as: Marcos Bagno (2007), Bortoni Ricardo (2005), Zilles and Faraco (2015), and others. Based on the analysis, it was observed that although the book does not theoretically deal with the definition, causes and consequences of linguistic prejudice itself, it problematises a

¹ Aluna concluinte do curso de Letras/Português, do Campus Multidisciplinar de Caraúbas (CMC), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: marilia.oliveira@alunos.ufersa.edu.br

² Professor de Linguística do curso de Letras/Português, do Campus Multidisciplinar de Caraúbas (CMC), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: ananias.silva@ufersa.edu.br

discussion about it in different contents, starting above all with a reflection on linguistic variation, presenting language as a social phenomenon that is sensitive to the contexts of use, in order to combat linguistic prejudice.

Keywords: Linguistic prejudice; Linguistic varieties; School book.

INTRODUÇÃO

O preconceito linguístico é o julgamento dado às pessoas que cometem desvios da norma padrão e que, por isso, são tratadas social ou cognitivamente com inferioridade. Esse tipo de preconceito acontece em todos os campos de atuação humana, inclusive na escola. Nesse espaço, assim como todos os outros tipos de preconceitos praticados, o preconceito linguístico é capaz de silenciar e excluir o aluno, pois, ao ter dificuldade para falar em conformidade com a norma culta, ele é julgado e constrangido pela maneira que se comunica. Nesse sentido, é preciso que pesquisadores invistam na abordagem desse fenômeno, visando compreender suas causas e discutir maneiras de minimizar tais práticas, e a escola deve se preocupar em desenvolver estratégias voltadas para a desconstrução desse tipo de preconceito, assim, colocando em prática uma de suas principais funções: a formação ética e cidadã dos alunos.

No tratamento dado ao estudo de língua materna na escola, ainda é possível notar a grande importância destinada somente à norma padrão, que, conseqüentemente, é considerada como a única variante “correta” da língua (Bagno, 1999) e que, por isso, é ela que os alunos devem aprender. Para esse autor, existe um círculo vicioso do preconceito linguístico, no qual ele designa no ensino uma “santíssima Trindade”, que é formada por três elementos que são ligados um ao outro: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos. A respeito disso, fazemos uma reflexão em relação ao ensino de língua para observarmos a necessidade de mudança frente aos métodos e ao tratamento dado à língua. Nessa direção, Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) afirma que:

Os alunos que chegam à escola falando “nós cheguemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e valorizadas as suas peculiaridades lingüístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social.

Como se percebe, não se trata de ensinar uma variedade em detrimento de outra. Trata-se de respeitar as variedades dos alunos, mas também de lhes permitir o contato com variedades de maior prestígio social, porque isso é fundamental para a sua emancipação. Porém, o fato é que o preconceito linguístico existe no Brasil e persiste ao longo da história, desde quando os portugueses ignoraram as línguas nativas dos indígenas que aqui viviam e lhes obrigaram a aprender e fazer uso de uma nova língua em detrimento das suas.

Nos dias de hoje, muitas vezes, o preconceito linguístico é visto como uma brincadeira ou mesmo como uma tentativa de corrigir para ensinar. Ocorre que, com correções em público

por pessoas que insistem em adotar a ideia de certo e errado na língua e que não compreendem que, especialmente em um país de dimensões continentais como o nosso, há variações nos usos que os falantes fazem da língua.

Tendo isso em vista, neste trabalho, temos como objetivo analisar como a noção de preconceito linguístico é discutida no livro didático “Se liga nas linguagens”, de língua portuguesa do Ensino Médio de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, da editora Moderna, bem como verificar se as atividades didáticas presentes no livro propõem um trabalho que contribua com a discussão e o enfrentamento dessa temática na escola. Em outras palavras, buscamos observar se a questão do preconceito linguístico está presente de forma pontual e isolada no livro didático, ou de modo transversal nos vários capítulos e conteúdos apresentados.

Para além da relevância social que possui a temática, esta pesquisa também se justifica através de sua execução numa perspectiva pessoal³, uma vez que esse tipo de preconceito foi vivenciado na experiência da pesquisadora como aluna ao ingressar no Ensino Médio, tendo que, de maneira compelida, se adaptar rapidamente a outras variedades linguísticas diferentes da sua, dada sua origem de zona rural, de onde os falantes apresentam perceptíveis diferenças no dialeto e expressões linguísticas comumente utilizadas, consideradas, por vezes, como estigmatizadas. Como explica Amaral (1920, p. 82), os usos da zona rural são compostos “de vocábulos em uso entre os roceiros, ou caipiras, cuja linguagem, a vários respeitos, difere bastante da gente das cidades, mesmo inculta”. De acordo com Bagno (2007), existem alguns fatores extralinguísticos que influenciam nesses diversos usos linguísticos, tais como: aspectos sociais, históricos e culturais de cada região, assim como, idade, sexo e escolaridade.

Na experiência educacional vivida pela pesquisadora, por justamente não ser esse um tema tratado em sala de aula, de modo que não conseguia identificar do que se tratava, considerava sua variante errada, já que era comum receber correções públicas e ouvir expressões como: “só pode ser do sítio pra falar assim”, “não sabe nem falar português”, “está falando errado”. A esse respeito, Rique (2012, p. 5) observa que:

Os falantes que não dominam a língua padrão são geralmente excluídos de participarem das atividades requeridas pela escola, e passam a acreditar que não conhecem a própria língua que falam. É comum acontecerem repreensões abusivas sobre desvios gramaticais, criando um ambiente opressor e receoso para o falante em formação.

No entanto, após ingressar na graduação em Letras Português em uma universidade pública, ao ter contato com o assunto a partir de linguistas como Marcos Bagno (1999), foi possível observar o impacto que esse tipo de preconceito pode causar, bem como discutir

³ Neste momento além da relevância social, utilizamos também um relato pessoal, que se caracteriza em uma experiência vivida da trajetória escolar à academia.

alternativas que podem evitá-lo ou ao menos amenizá-lo. Uma dessas alternativas é tratar sobre variação linguística logo na educação básica, de modo que os alunos possam ter conhecimento sobre esse fenômeno e perceber o processo de mudança inerente à língua.

Frente a isso, partindo da hipótese que o livro didático de língua portuguesa aborda de forma superficial a problemática do preconceito linguístico e as atividades didáticas pouco contribuem para o ensinamento sobre as variedades linguísticas existentes na língua portuguesa. Considerando que esse problema pode gerar várias limitações e exclusões dos alunos quando são submetidos ao julgamento de “falar errado”, de maneira que a discussão a respeito dessa temática é essencial para o estudo de língua nas escolas, por isso devendo ser abordado nos livros, didaticamente, nossa questão de estudo é baseada na seguinte inquietação: como o preconceito linguístico é abordado no livro didático de língua portuguesa do Ensino Médio?

Sendo assim, a esta pesquisa poderá contribuir com a divulgação de seus resultados, pois é de grande necessidade refletir sobre como o preconceito linguístico está sendo discutido em sala de aula. Da mesma forma, é preciso pensar na importância de o aluno estudar sobre sua variante e as variantes dos seus colegas, assim como as motivações que levam a falar de uma dada forma e também as situações de uso, com a finalidade de combater a exclusão desses alunos em sala de aula a respeito do seu modo de falar.

Metodologicamente, essa é uma pesquisa de abordagem qualitativa, o método (documental), e de natureza (aplicada) direcionada à análise da abordagem do preconceito linguístico no livro didático do Ensino Médio. A base teórica deste estudo é fundamentada a partir dos pensamentos de Bagno (2007), Bortoni Ricardo (2005), Zilles; Faraco (2015), entre outros.

Quanto a sua forma de organização, esse trabalho encontra-se estruturado em: introdução; fundamentação teórica, composta por bases teóricas que auxiliam nossa discussão sobre variação, preconceito e intolerância linguística, como são abordados na escola, na BNCC. Logo após, apresentamos a seção de metodologia, na qual apresentamos os métodos utilizados para a nossa análise, junto com nosso *corpus* de pesquisa. Em seguida, são apresentadas nossa análise e as considerações finais.

Variação, preconceito e intolerância linguística

A variação linguística é um fenômeno que acontece naturalmente na língua quando duas formas podem coexistir em um mesmo contexto com o mesmo significado. É em função dessa variação que ocorre o preconceito linguístico, principalmente vindo dos falantes de variantes consideradas socialmente como mais prestigiadas, em função do status social e cultural de seus

falantes. Ao fazerem avaliação da língua e ditarem como errada a variante mais coloquial, esses falantes acreditam e perpetuam o mito de que a norma padrão é a única correta.

A variação linguística está presente em todas as comunidades e linguísticas em todas as línguas. Os estudos desenvolvidos em Sociolinguística nos mostram que essa variação é resultado de variações entre grupos sociais, comunidades geográficas, idades, tempos diferentes, entre outros fatores. Todavia, por falta de maturidade e de estudo sobre a questão, muitos não compreendem essa realidade e acabam cometendo o preconceito e a intolerância linguística. Concernente a este pensamento, Zilles e Faraco (2015, p. 7) dizem que a falta de conhecimento sobre os fenômenos de variação chega a criar comportamentos violentos e normativos “o senso comum não se dá bem com a variação e a mudança linguística e chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação e mudança”.

Em geral, esse preconceito pode ser classificado como todo juízo de valor negativo direcionado por falantes de variantes de mais prestígio às variedades linguísticas de menor prestígio social. Não diferente de outros tipos de preconceitos, nos quais um indivíduo é julgado ou violentado através de opiniões intolerantes e sem fundamento crítico, o preconceito linguístico é capaz de silenciar e traumatizar o outro. Conforme Klippel (2020, p. 4)

Nos dias atuais há uma forte tendência em combater as mais variadas formas de preconceito, mostrando que ele não tem nenhum fundamento racional, não se justifica. No entanto, essa tendência ainda não chegou a um tipo de preconceito muito comum, o preconceito linguístico (Klippel, 2020, p. 4).

Também a esse respeito, Bagno (1999) ressalta que o preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é invisível no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas sociais que se dedicam a estudá-lo. Como se percebe, ainda que todo tipo de preconceito seja nefasto, o preconceito linguístico parece que tem implicações ainda maiores, seja porque está profundamente enraizado, seja porque é invisibilizado, o que torna ainda mais difícil combatê-lo.

De maneira prática, o preconceito linguístico ocorre a partir das comparações equivocadas que acontecem entre a variedade considerada culta e as demais variedades existentes na língua, que são consideradas erradas. Embora bastante comuns na língua, as variações são julgadas por aqueles que não entendem e nem buscam compreender as motivações pelas quais certos falantes usam a língua de dada maneira e não de outra.

Marcos Bagno (1999) defende que, por haver diversas variações na língua portuguesa, é preciso, além de revisar a norma-padrão, incluir essas variações linguísticas como corretas também, assim como a norma padrão, não havendo, portanto, uma linguagem “certa” e/ou

“errada” de se comunicar. Apesar de ser um assunto bastante falado e presente nos materiais didáticos, abordagens didáticas-pedagógicas sobre esse tema têm se mostrado ineficazes, principalmente quando, ao invés de ser combatida, muitas vezes, a impregnação de certo/errado parece ser reforçada em sala de aula, especialmente nas aulas de análise linguística, quando se ensina equivocadamente que “certa” é a variedade culta, fundada na gramática padrão.

De acordo com Rique (2012, p. 9),

A língua é baseada na realidade do falante e da sociedade em que ele vive, pois desde criança já temos uma gramática fixada em nossa mente, que se manifesta de acordo com o contexto em que vivemos. A gramática existe para descrever o funcionamento da língua e não para dizer como ela deve ser.

A partir disso, vale ressaltar que minimizar o preconceito linguístico não significa dizer que a norma culta não seja importante ou colocá-la contra outras variedades, mas é essencial buscar valorizar as variedades linguísticas de cada indivíduo, não avaliando sua competência a partir da sua maneira de se comunicar.

Assim, O preconceito por si resulta na ridicularização e rejeição das pessoas. No caso do preconceito linguístico, trata-se da rejeição de usos que fogem da norma padrão. Esse preconceito não só está presente na sociedade, como também dentro de sala de aula, no espaço preliminar onde deve ser combatido. Nesta subseção, apresentamos questões a respeito dessa temática em sala de aula, a partir de teóricos que embasam suas consequências e possíveis formas de prevenção e de combate.

Preconceito linguístico na escola.

Em geral, a sala de aula deve ser um local onde os alunos se sintam acolhidos. Sabendo disso, é fundamental que a escola seja um espaço que acolha suas diversidades linguísticas e onde prevaleça sempre o respeito ao modo como cada aluno usa a língua para se comunicar. Sendo um espaço laico, deve permitir o reconhecimento e a valorização de variedades raciais, culturais, religiosas e linguísticas. Quando isso não acontece, as consequências podem ser muito sérias. Nessa linha, Bortoni-Ricardo (2005) destaca que

No caso brasileiro, o ensino da língua culta à grande parcela da população que tem como língua materna do lar e da vizinhança variedades populares da língua tem pelo menos duas consequências desastrosas: não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua-padrão (2005, p.15).

Assim, faz-se necessário que sejam respeitadas as variedades linguísticas dos alunos, dando-lhes recursos para que consigam adequar seus modos de falar conforme o meio social que participam.:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade [...] (Bortoni-Ricardo, 2005, p.15).

Dito isso, ressaltamos a importância desse preconceito ser combatido em sala de aula e a imperativa necessidade de se fazer a reflexão sobre como essa problemática está sendo trabalhada na escola. O ensino da gramática tradicional é importante para que os alunos consigam conhecer a variedade cobrada em situações mais formais, entretanto, a despeito disso, por que apagar as variedades linguísticas que dela difere e considerá-las erradas? Não parece haver resposta racional que justifique tal posicionamento. Quando isso ocorre,

Os falantes que não dominam a língua padrão são geralmente excluídos de participarem das atividades requeridas pela escola, e passam a acreditar que não conhecem a própria língua que falam. É comum acontecerem repreensões abusivas sobre desvios gramaticais, criando um ambiente opressor e receoso para o falante em formação” (Rique, 2012, p. 5).

Valorizar as variedades linguísticas presentes na sala de aula é atitude necessária para diminuir e combater o preconceito e discriminação direcionados aos alunos cujo dialeto foge à norma padrão. Como reforça Soares (2002, p.32)

“na aula de língua portuguesa, é preciso estimular um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades linguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos”.

Coerente a este pensamento, a sala de aula, à priori, deve ser um espaço que possibilite a existência de múltiplas variedades linguísticas, sem que menospreze uma e exalte outra. Ao contrário, deve criar momentos de reflexões sobre os usos linguísticos, as diferenças, semelhanças, as mudanças e variações em todos os níveis da língua. Assim, teremos um ensino de língua mais produtivo e reflexivo.

Variação e preconceito linguístico na Base Nacional Comum Curricular

Nesta seção, tratamos sobre como a questão variação e do preconceito linguístico são abordados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento utilizado como

referência obrigatória para construção dos currículos escolares das redes de ensino públicas no Brasil. Em relação ao preconceito linguístico, esse documento faz uma reflexão sobre a importância do respeito às variedades linguísticas, para que seja desconstruído todo tipo de preconceito relacionado à língua das pessoas.

No que se refere às competências destinadas ao componente curricular Língua Portuguesa, no Ensino Médio, a BNCC assegura na competência específica 4 que:

Compreender as línguas como fenômeno (geo) político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018, p.490).

Com isso, impetra a reflexão sobre a heterogeneidade da língua, buscando compreendê-la em sua dimensão social, considerando seu caráter mutável. Ao apresentar habilidades atinentes ao desenvolvimento dessa competência, quatro delas contemplam o estudo da língua, que são:

(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geopolítico, histórico, social, cultural variável, heterogêneo sensível aos contextos de uso (Brasil, 2018, p.494).

(EM13LGG402) Empregar as interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esses interlocutor(es) e sem preconceito linguístico (Brasil, 2018, p.494).

(EM13LGG403) Fazer uso do inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo (Brasil, 2018, p. 494).

(EM13LGG403) Fazer uso de inglês como língua de ação global levando em conta a multiplicidade e variedade de usos usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo (Brasil, 2018, p. 494).

A habilidade (EM13LGG401) preconiza que o ensino deve priorizar a leitura crítica de textos, principalmente para criar reflexões sobre a língua, conhecendo suas mais diversas dimensões a que servem aos contextos de uso linguísticos. Entendendo, então, que fatores políticos, sociais, culturais relevam a natureza dinâmica da língua. Nesta segunda habilidade (EM13LGG402), está voltado ao usos, à concepção de que é necessária a adequação às variedades e aos estilos da língua, entendendo que a situação comunicativa molda esses usos e que não devemos, de forma alguma, criar juízo de valores para tais variedades.

Nas últimas habilidades adotadas no trabalho, inseridas ao ensino de língua, o inglês deve ser ensinado devido a sua importância para a comunicação global, considerando a diversidade de usos, usuários e funções que essa língua desempenha no contexto contemporâneo. Portanto, as habilidades buscam preparar os estudantes para interagirem de

forma eficaz e competente no mundo globalizado, onde o inglês desempenha um papel fundamental na comunicação e colaboração.

O desenvolvimento dessas habilidades deve ser assegurado pela escola. Nesse ponto, a BNCC retoma aspectos já considerados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998, p. 82), ao ressaltar que a escola “não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções”. O documento sugere ser objetivo da escola fazer com que os alunos consigam observar a natureza dinâmica da língua, respeitando suas variedades e as considerando como marca de identidade social, o que supõe o combate de qualquer tipo de preconceito, inclusive o linguístico.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Caracterização do tipo de pesquisa

Nossa pesquisa se enquadra no tipo de pesquisa documental, já que tem por objetivo a análise reflexiva sobre um material/documento já existente do qual ainda há poucas discussões sobre o que se pretende ser estudado. Sobre isso, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 55), a pesquisa documental “baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Dessa forma, o documento o qual fazemos uso, é o livro didático de língua portuguesa do ensino médio.

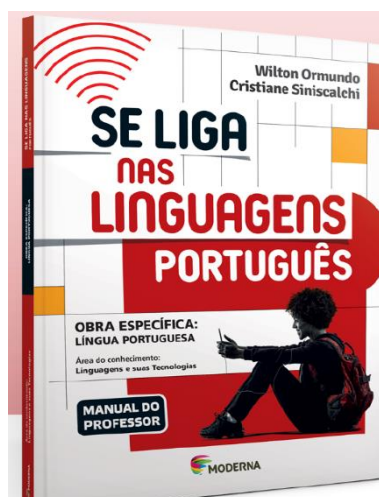
Em função do objetivo geral, analisar como a questão do preconceito é abordada no livro didático da coleção *Se liga nas linguagens*, do componente curricular Língua Portuguesa, que aqui é proposto, a pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo, pois “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

Assim, considerando que o objeto de análise é o livro didático de Língua Portuguesa, o estudo trata-se de uma abordagem de cunho descritivo, que segundo (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52), “visa a descrever as características de uma determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. A partir da análise é colhido os dados através de indagações e observações sobre um determinado assunto no livro didático. “Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador” (Prodanov; Freitas, 2013, p. 52).

Definição do corpus

O *corpus* dessa pesquisa se constitui do livro didático de língua portuguesa do Ensino Médio da coleção *Se liga nas linguagens*, dos autores (Ormundo; Siniscalchi, 2020). A produção do livro é da editora Moderna e foi aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação (MEC), no ano de 2021. A seguir, reproduzimos a imagem com a capa do livro.

Figura 01: Capa do livro didático *Se liga nas linguagens*



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2020)

Organizacionalmente, o livro é dividido em três partes, uma direcionada para a literatura e a outra para análise linguística/semiótica e também aborda a produção textual. A análise incidiu sobre todo o livro, mas focalizamos especialmente o capítulo 16, cujo título é: *Linguagem e língua*, com os subtítulos: *As várias linguagens; infográfico: por dentro da variação linguística e adequação linguística*.

Como procedimentos de análise, buscamos nos guiar pelo que é proposto em nossos objetivos específicos, observar se a questão do preconceito linguístico é trabalhada de forma pontual e isolada no livro didático, ou de modo transversal nos vários capítulos e conteúdos apresentados; e verificar se as atividades didáticas presentes no livro propõem um trabalho que contribua com a discussão e o enfrentamento dessa temática na escola.

ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

A partir do nosso objetivo geral, analisar como a questão do preconceito é abordada no livro didático da coleção *se liga nas linguagens*, do componente curricular Língua Portuguesa

E dado o nosso primeiro objetivo específico, mapeamos todos os conteúdos do livro a partir do seu sumário e da leitura detalhada de cada tópico, e verificamos que a problemática do preconceito linguístico é trazida exclusivamente no capítulo 16, a partir da página 166, intitulado como “língua e língua”, que dá início a segunda parte do livro, “análise linguística e semiótica”. Neste capítulo, o livro traz discussões acerca das variedades linguísticas, apresentando, inicialmente o conceito de linguagem e ressaltando sua importância para a interação social:

A linguagem humana caracteriza-se pelo emprego de elementos que representam ideias, informações ou realidades. Tais elementos são usados em situações de interação social, em que a comunicação entre os interlocutores prevê trocas e influências recíprocas (Ormundo; Siniscalchi, 2020, p.167).

Essa concepção de linguagem se apresenta de forma mais funcionalista, porque considera as situações de interação entre os interlocutores no ato da comunicação. Além disso, assume que a estrutura linguística possui a ideia de representar coisas e ideias, o que dialoga com o viés funcionalista. Segundo essa corrente, a estrutura linguística reflete, de algum modo, a estrutura da experiência (Furtado da Cunha, Bispo, 2013)

Em relação às variedades linguísticas, o livro apresenta símbolos imagéticos como exemplos, mostrando gírias e expressões de cada região do Brasil, como explicitado na ilustração a seguir:

Figura 02: Ilustração variedades linguísticas



Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p. 168 - 169)

De início, como apresentado na figura 02, o livro conta com uma riqueza de observações, ressaltando as diversas variedades linguísticas presentes no Brasil. Ao mostrar que “macaxeira”, “aipim” e “mandioca” são variações linguísticas, assim como “bolacha” e “biscoito”, e “tangerina” e “mexerica”, etc. Além disso, o esquema traz “oxente”, “arenga”, “moscar” e entre outras expressões que mostram as diversas variedades presente no nosso país, e fatores como a variação geográfica social e histórica responsáveis por essas variações. Em vista disso, é possível perceber que a língua está em constante transformação e que não é usada do mesmo modo em todas as regiões e por todos os grupos de falantes, aspecto essencial para o combate ao preconceito linguístico.

Ademais, a “adequação linguística” é também abordada: isto é, a importância de o falante conseguir adequar sua linguagem de acordo com a situação de uso, pois até mesmo aqueles que dominam completamente a norma culta abandonam ou modificam essas regras quando não lhes parecem adequadas às suas necessidades de comunicação. Nesse ponto, os autores do livro observam:

Toda comunicação pressupõe um processo de adequação. O falante seleciona em seu repertório linguístico as formas mais adequadas às finalidades específicas de comunicação em que está envolvido, considerando seus interlocutores, o assunto de que se trata, o objetivo de fala e o local em que se dá a comunicação (Ormundo; Siniscalchi, 2020, p. 170).

O livro ressalta sobre a capacidade que os falantes possuem em adaptar e adequar a sua fala e escrita de acordo com os contextos de uso e diversas situações comunicativas que é inserido, considerando sempre o objetivo da comunicação, pois “essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos” (Bortoni-Ricardo 2005, p. 15), e, embora o falante utilize com mais frequência variedades de menor prestígio, eles “têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões” Bortoni-Ricardo (2005, p. 15).

Em um ponto intitulado de “bate-papo de respeito”, o livro apresenta uma fala do professor Cosme Batista dos Santos, da Universidade do Estado da Bahia, que destaca aspectos relacionados e ilustra exemplos relacionados ao uso de variedades informais e questões da (in)adequação.

Figura 03: Professor Cosme Batista



Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p.172)

Ao trazer uma fala de um professor no ‘bate papo de respeito’, o livro mostra que a ideia de que “é preciso saber gramática para falar e escrever bem” é precipitada, pois, quem mais do que o professor, que sabe e estuda a gramática, diariamente? No entanto, está afirmando que não há certo e errado na língua. Ao apresentar a fala do professor e logo após questionar ao aluno “qual seria, então, o papel da escola quando ensina a língua portuguesa?”, o livro instiga o aluno e leva a refletir sobre a importância do estudo dessas variedades e adequações, assim como, reforça que a língua materna, nos permite interagir, compreender e ser compreendido, ou seja, dominamos bem a língua, e o que se faz necessário é mostrar as variedades linguísticas que nos permite falar sobre determinado assunto de diversas maneiras e não apenas o ensino da gramática normativa.

Logo em seguida, o livro traz a transcrição de uma reportagem intitulada “a língua que a gente fala”, exibida no jornal pela Rede Globo, na qual a jornalista Sandra Annenberg junto com seu colega Evaristo Costa ressaltam que os linguistas conceituados que estudam a língua portuguesa defendem que na comunicação falada não tem essa de certo ou errado, desde que seja possível construir sentidos. E sim, saber a importância da adequação quando se escreve um trabalho ou se fala em público.

Figura 4: A língua que a gente fala.

Sandra Annenberg: Tá ligado na série que a gente vai começar hoje?

Evaristo Costa: E eu vou dar um exemplo de mais ou menos como é que a gente fala. Vou chamar um câmera, quer ver? Ô Antonelli. Vem ni mim, Antonelli. Filma eu, véio. Cê tá achando que o jeito que eu tô falando tá errado? Bom, muitos linguistas conceituados que estudam a língua portuguesa defendem que na comunicação falada não tem essa de certo ou de errado. O importante é que a gente se faça entender, não é mesmo?

Sandra Annenberg: Isso é o mais importante, sem dúvida nenhuma: a comunicação, né? Agora, se é pra escrever um trabalho, assim, falar em público como a gente, tem que saber a norma culta da língua, né? E todas as regras gramaticais. Mas até a escrita muda, aos poucos vai absorvendo as mudanças da fala, ainda mais com a internet, né?

Evaristo Costa: É isso que a gente vai ver. A repórter Anna Zimmerman esteve em quase todas as regiões do país pra mostrar a língua sem retoque, a língua que a gente fala. É o tema de uma série de reportagens que a gente começa a exibir a partir de hoje.

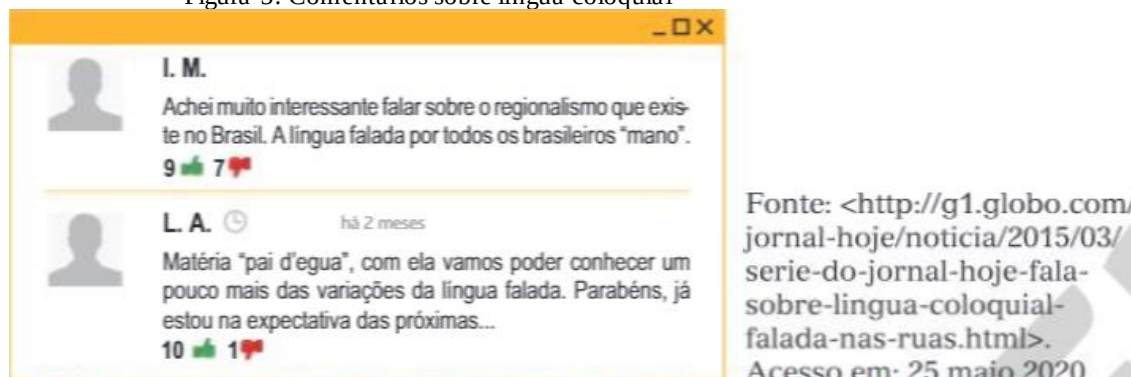
Taca-le pau! *Leia sugestão de atividade complementar no Suplemento para o professor.*

Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2015/03/serie-do-jornal-hoje-fala-sobre-lingua-coloquial-falada-nas-ruas.html>>. Acesso em: 25 maio 2020. (Fragmento).

Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p.172)

O uso de gírias e expressões não formais, ou seja, marcas típicas da oralidade, não é natural de um jornal. No entanto, como mostrada na figura 4 mostra de forma dinâmica a capacidade de compreensão mesmo utilizando de linguagens não formais, com o intuito de mostrar as variedades presentes na língua. Após a transcrição da reportagem, o livro traz comentários que foram feitos na reportagem publicada no site do telejornal, as expressões utilizadas no comentário entre aspas, mostra a familiaridade deles com a forma linguística usada pelos repórteres na matéria.

Figura 5: Comentários sobre língua coloquial



Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p.173)

Além disso, o livro conta com instigações que auxiliam o aluno na compreensão, reforçando sobre os fenômenos que envolvem a variação linguística e o aspecto de adequação, trazendo apoio ao professor, para que o mesmo consiga discutir com os alunos sobre.

No capítulo 18, página 184, intitulado de “fatores envolvidos na comunicação”, o livro faz referência à variação ao tratar sobre coesão e coerência, quando destaca o seguinte: “para que o texto tenha unidade de sentido, precisa contar com conexões gramaticais que articulam as ideias”(Ormundo; Siniscalchi, 2020, p.184). Logo a seguir, o livro apresenta um *web*

quadrinho, do ilustrador paraibano Paulo Moreira, para expor uma situação do dia a dia entre dois amigos, que utilizam de gírias regionais:

Figura 5: Webquadrinho



Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p. 185)

Em seguida, é solicitado que o aluno identifique a situação do dia a dia reproduzida no quadrinho, pedindo para explicar a função da variedade “oxe”, “eai pô” e questionam quais expressões equivalentes a essas podem ser usadas em uma “comunicação mais formal”. É possível que, a partir desse momento, o aluno consiga observar a situação em que pode se utilizar linguagem coloquial e a situação que exige uma comunicação mais formal. Embora não seja discutido sobre a problemática do preconceito linguístico, esse tipo de atividade faz com que o aluno tenha a visão de que não existe “certo e errado” na comunicação, cabendo ao professor trazer questões a respeito do preconceito linguístico.

No capítulo 22, que trata sobre numeral e artigo, há uma seção nomeada de “bate-papo de respeito”, em que o livro traz a fala da professora Maria Marta Pereira Scherre. É um recorte de uma entrevista sobre preconceito linguístico, variação e ensino, em que a professora ressalta:

Figura 6: Professora Scherre

Bate-papo de respeito



ACERVO PESSOAL

O uso mais frequente de construções sem concordância leva a observações do tipo: *fulano é burro, fulano não sabe falar português*. Esse sentimento de superioridade não ocorre só nos aspectos relacionados à linguagem. Ele pode também ser observado nas questões culturais mais amplas. É muito comum ouvir da boca de pessoas as mais diversas que é preciso “levar cultura” às classes menos prestigiadas pelo poder econômico ou que é preciso “levar cultura” para as pessoas do interior e da área rural.

Professora Maria Marta Pereira Scherre, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e da Universidade de Brasília (UnB), e pesquisadora do CNPq.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Entrevista sobre preconceito linguístico, variação e ensino, concedida a Jussara Abraçado. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário*. n. 36, 1. sem. 2008, p. 13-14. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/36/entrevista.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2020. (Adaptado).

Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p.217)

Ao ressaltar: “*o uso mais frequente da construção de concordância leva a observações do tipo: fulano é burro, fulano não sabe falar português*”, a professora discute sobre o preconceito linguístico e o que está arraigado por trás dessa discriminação, as questões culturais. Após isso, é orientado que os alunos formem grupos para discutir sobre, respondendo questões em torno de como a escola e o professor devem proceder em relação a falantes que sistematicamente fazem uso de concordâncias comuns como “*os estudo*”. Essa atividade é de suma importância para o combate do preconceito linguístico, pois, o aluno é levado a refletir sobre o tratamento dado às pessoas que não fazem o uso de concordância e que existe motivações para isso, inclusive a classe em que o indivíduo está inserido. Ainda, ressalta que saber o português está além de dominar e decorar as normas gramaticais impostas.

O livro busca promover diversas discussões sobre as variedades, reafirmando sempre a importância da adequação. No capítulo 23, que trata sobre pronomes, em destaque o uso do “você”. Embora não faça parte da tabela de pronomes, da norma culta, o capítulo coloca que essa forma pronominal é utilizada pelos falantes e tem sido validada pelos estudiosos da língua. O livro ressalta: “lembre-se sempre da noção de adequação linguística: quando a situação comunicativa é formal e exige uma linguagem muito monitorada, prefira seguir a norma padrão” (Ormundo; Siniscalchi, 2020, p. 220).

Além disso, no capítulo 24, que discute sobre “verbo”, o livro retoma a questão da variação linguística também na seção “Bate papo de respeito”, que apresenta o recorte de uma entrevista do rapper Emicida, (um cantor que, em suas músicas, deixa claro o abandono ao uso formal da língua, às regras gramaticais, principalmente porque os objetivos de suas músicas são

dá voz ao povo mais marginalizado.) em que fala da sua relação com a língua portuguesa, que destaca:

Figura 7: Emicida.



Fonte: Ormundo; Siniscalchi (2020, p. 235)

Destaca-se que é de grande importância que o professor leia e discuta com os alunos essa fala do *rapper*, pois a maioria dos alunos podem notar que essa fala reflete as letras do seu estilo musical, e também é comum em outros estilos musicais, que embora não seja de acordo com a norma culta, não prejudica o entendimento do ouvinte.

Logo a seguir, no mesmo capítulo, ao tratar sobre "regência verbal", o livro traz uma web quadrinho que revela que nem sempre os falantes empregam as construções da norma padrão, sobretudo nas falas que não possuem monitoramento. A seguir, mostra alguns verbos que apresentam detalhes em suas regências para destacar que o uso conforme a norma padrão, seguido por comentários acerca do emprego na linguagem coloquial. Nesse ponto, ressalta que a opção de um dos dois usos deve ser considerada a partir do critério de adequação linguística. Em forma de observação, o livro traz o seguinte questionamento: *"Na sua opinião, a apresentação, no livro didático, da forma de regência validada pela norma padrão seguida de comentários sobre o uso da linguagem cotidiana atrapalha o estudante? Por quê?"*. Esse questionamento é um auxílio para que o professor discuta com os alunos sobre a problemática do preconceito linguístico, pois, ao apresentar as diferentes formas de uso, de variações linguísticas, ressaltando sempre o respeito e a questão da adequação, o aluno poderá ter acesso a uma outra dimensão da língua que ele usa, sobretudo, quando há a existência de reflexões sobre as questões de "certo" e "errado".

Considerando os dados apresentados no decorrer desta seção de análise de dados, foi possível observar que o livro traz a problemática do preconceito linguístico, a partir de diferentes objetos do conhecimento, considerando a variação linguística, fazendo com que o aluno consiga compreender a linguagem como fenômeno social sensível aos contextos de uso,

a fim de combater o preconceito linguístico. Para além disso, mostrando que, embora seja trabalhada a gramática normativas com suas regras, também possui lugar para a gramática trazida como herança cultural, que é repleta de variedades. Como pontua Bortoni Ricardo (2005, p. 14):

O prestígio associado ao português-padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. Podemos e devemos questioná-lo, desmistificá-lo e demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais, mas negá-lo, não há como.

Portanto, não há como negar que as desigualdades sociais refletem na linguagem de cada indivíduo, e assim como as desigualdades, não há como fingir que as variedades existentes na língua não existem, devendo fazer parte das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando nossos objetivos, analisar como a questão do preconceito é abordada no livro didático da coleção *Se liga nas linguagens*, do componente curricular Língua Portuguesa, a análise do livro revelou que a proposta para o ensino de língua foca na questão da adequação linguística, reforçando o respeito às variedades linguísticas como forma de combate ao preconceito linguístico.

No que se refere à abordagem sobre a temática, notamos que tem foco em um capítulo, que trata sobre linguagem e língua; no entanto, foi analisado que contém considerações sobre as variedades linguísticas em outros capítulos, como por exemplo nos capítulos sobre coesão e coerência, numeral e artigo, que envolve a concordância. Esse aspecto é avaliado como ponto positivo, pois o trabalho com a questão em diferentes pontos do livro ressalta a importância da temática e pode permitir ao aluno uma melhor apreensão.

A pesquisa constatou que, no que se refere ao preconceito linguístico, observamos que a temática pode ser mais explorada, especialmente no tocante à explicação desse preconceito, aos fatores que ocasionam as mudanças linguísticas e as consequências desse preconceito, fazendo necessário que o professor busque meios além do livro didático para possibilitar um entendimento melhor aos alunos sobre a problemática do preconceito linguístico, enfatizando que a língua é heterogênea, pois as pessoas possuem experiências sociais, culturais, históricas distintas, o que consequentemente reflete no seu modo de agir e de falar. Assim, a partir do momento que essas variedades não são respeitadas, cometeremos o preconceito linguístico o que pode acarretar, em problemas distintos no indivíduo que é praticado esse tipo de preconceito.

Para os leitores/pesquisadores que desejam contribuir para a pesquisa e combater o preconceito linguístico em na sociedade, é fundamental envolver-se em projetos interdisciplinares, principalmente da linguística em interface com o ensino, compartilhar conhecimento e melhores práticas e promover a conscientização sobre o tema. Além disso, as pesquisas devem ser orientadas por um compromisso com a equidade, a justiça e a inclusão, garantindo que o ensino de língua seja uma força positiva na sociedade, respeitando a diversidade e a igualdade. A construção de uma extensa e forte bibliografia sobre a questão do preconceito linguísticos é um desafio complexo, mas um objetivo que vale a pena perseguir para criar um mundo mais equitativo e inclusivo por meio da linguagem. Com isso, o reconhecimento e a mitigação do preconceito linguístico não apenas aprimoram a qualidade e a ética das interações entre humanos no mundo construído pela linguagem, mas também contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 144p
- BISPO, E. B. **Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso**. Revista do Gelne. v. 15, n. 1/2, p. 49-74, 2013.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CARNEIRO, Vera Lucia. **Diversidade Linguística: Variação Linguística e Prática Pedagógica**. Araguaína, 2014.
- KLIPPEL, N dos Santos. **O preconceito linguístico no livro didático de língua portuguesa: uma análise**. Unicentro, 2020.
- RIQUE, Itamara. **Preconceito linguístico: sociedade, escola e o ensino de português**. Paraíba, 2012
- SILVA, Rita C.A; OLIVEIRA, Sabino G. **Abordagem da variação linguística em livro didático de língua portuguesa**, Maceió, 2019.
- ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2020
- ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. (orgs). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. 1ª. ed. Parábola Editorial. São Paulo, 2015, 320 p